


[Institucional](#)
[Graduação](#)
[Pós-Graduação](#)
[Extensão](#)
[Pesquisa](#)
[Publicações](#)
[Notícias](#)
[Espaço Físico](#)
[Agenda](#)

NOTÍCIAS

IFCH pesquisadores : “O conhecimento é uma conquista social”, conta o professor

Eros Carvalho



Professor associado do Departamento de Filosofia da UFRGS, Eros Moreira Carvalho só voltou os olhos às reflexões filosóficas a partir do último ano do ensino médio. Doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais, começou a lecionar e mais tarde veio parar no sul do país, na região gaúcha. Com cerca de 10 anos de experiência na Federal do RS, ele conta nesta entrevista que o conhecimento deve ser conquistado, discutido e, sobretudo, praticado.

Eros traz a necessidade da tradição do debate. Espera que as novas gerações consigam manter acesa a chama do conhecimento, para reverberar por toda a sociedade. Chama da falta de recursos e da credibilidade sobre a Ciência, atualmente, além das próprias falhas que a academia possui, como a ausência de diversidade, incentiva seus alunos a manter as mentes abertas uns com os outros. Essa virtude social faz parte da construção do aprendizado, incentiva o hábito da escuta atenta e genuína e explica que essa prática é um fomento à pluralidade de vozes.

Confira a entrevista abaixo

1. O que te levou à Filosofia, por que escolheu o Instituto para trabalhar e como é lecionar e pesquisar na Universidade?

Eu confesso que, aos 16 anos de idade, quando tive que decidir para qual curso prestaria vestibular, eu estava com muitas dúvidas. Eu oscilava entre física, ciência da computação e filosofia. A opção pela ciência da computação me parecia algo natural, e para meus familiares também, já que na época eu passava boa parte do meu tempo escrevendo pequenos algoritmos, era o meu passatempo preferido. Mas o curso de ciência da computação, como vim a saber depois, não se resume a programar, ele abrange uma série de outras questões e teorias.

A física foi também um interesse que me perseguiu por todo o ensino médio. Adorava as aulas teóricas e práticas e nunca perdia a chance de conversar com os professores da área sobre o assunto. Ao mesmo tempo, eu percebia que algumas das minhas inquietações não eram saciadas nessas conversas, embora não estivesse muito claro para mim o porquê. Eu só vim a conhecer a filosofia no terceiro ano do ensino médio, através de uma professora de sociologia, excelente por sinal. Além disso, eu tinha o contato com um parente que, na época, estava se formando em filosofia pela UFMG. Através dessa pessoa eu tive acesso a alguns livros de introdução à filosofia da ciência e à epistemologia. Isso aconteceu só na metade do último ano do ensino médio, muito próximo das inscrições para o vestibular.

Pela leitura desses livros, eu percebi que o meu interesse pela física era na verdade refém de um interesse mais fundamental em entender como a ciência é possível, como podemos obter conhecimento do mundo. Como esse universo era ainda muito novo para mim, eu ainda estava com muitas dúvidas sobre o que fazer. Cheguei a me inscrever no vestibular para física, tendo a filosofia como segunda opção. Alguns dias antes de encerrar o prazo final para as inscrições, fiz uma nova inscrição, revertendo a ordem, sem certeza de que era isso o que eu deveria fazer. Jamais me arrependi dessa decisão.

O curso de filosofia me arrebatou completamente e, claro, tive o privilégio de fazer filosofia em um dos melhores cursos do país, em uma universidade pública, a UFMG. Sou muito grato à generosidade dos meus professores e professoras e ao conhecimento e às habilidades que elas e eles me ajudaram a adquirir. Posso dizer, então, que o que me levou à filosofia foi uma inquietação genuinamente filosófica que só me foi desvelada enquanto tal pelas contingências da vida.

Eu era professor concursado da UnB quando decidi prestar concurso na UFRGS. Várias razões me trouxeram para cá, tanto de ordem pessoal quanto de ordem profissional. Eu não me adaptei à Brasília e a essa altura eu já tinha morado alguns anos em Curitiba, a ideia de um lugar com estações bem marcadas me agrada. Para o desespero dos meus amigos gaúchos, eu gosto do frio. Mas sem dúvida a principal razão foi de ordem profissional. Embora eu não conhecesse pessoalmente, na época, o(a)s professor(a)s do departamento de filosofia, eu conhecia e admirava o trabalho de muitos deles, especialmente o do Paulo Faria. A possibilidade de me juntar a este time de filósofos e filósofas altamente qualificados em uma das melhores universidades públicas do país foi sem dúvida uma motivação muito forte para a minha decisão. Estou aqui desde 2011 e espero que só a aposentadoria me tire daqui.

A UFRGS oferece uma boa infraestrutura para a docência e a pesquisa, não tenho reclamações a fazer e esse respeito, embora sempre possamos claro almejar mais recursos, principalmente mais bolsas e apoio para os nossos estudantes etc. O convívio com os colegas do Departamento e do Instituto é bastante agradável e enriquecedor, temo um ambiente colaborativo muito bom. Também me sinto privilegiado por ser cercado de estudantes muito entusiasmados com o curso, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Já pude acompanhar a formação de um estudante desde o início da graduação até a conclusão do doutorado e essa é uma experiência muito enriquecedora e gratificante para quem optou pela docência e pesquisa. Temho mais pelo futuro, já que não só as humanidades, mas também a universidade pública e, na verdade, a própria ciência e o conhecimento estão sob intenso ataque em nossa sociedade. Espero que consigamos inspirar as novas gerações a manter acesa a chama do conhecimento e que isso reverbera por toda a sociedade.

2. O senhor se graduou também em Ciência da Computação, em 2008. Qual o ponto de contato entre a área que escolheu como profissão e essa segunda graduação? Ainda mantém vínculos com esse campo de estudo? Essa graduação auxiliou ou melhorou o seu trabalho como pesquisador?

A minha segunda graduação ocorreu concomitantemente ao doutorado. Foi muito difícil e estressante, exigiu muito de mim. Não lembro de ter tido folga dos estudos nesse período. Ao mesmo tempo, foi uma oportunidade para expandir os meus horizontes e ver de perto como funciona uma disciplina científica. A essa altura, eu já estava me especializando, desde o mestrado, na área de epistemologia e filosofia da ciência. Para quem trabalha com essas áreas da filosofia, é muito importante ter um contato mais próximo com alguma disciplina científica, ver como ela funciona de dentro, in loco. Nesse sentido, me ajudou e ajudá bastante.

Claro que a escolha pela ciência da computação teve um componente motivacional pessoal também, como já mencionei na pergunta anterior. Além disso, a ciência da computação, e em especial a subdisciplina da inteligência artificial, é muito importante para as ciências cognitivas, que, nos últimos 50 anos, têm recebido cada vez mais a minha atenção. As ciências cognitivas estão interessadas em desvendar os mecanismos psicológicos e sociais que são responsáveis pela cognição. É uma disciplina científica crucial para quem trabalha com epistemologia e filosofia da mente. O epistemólogo está interessado em explicar a natureza do conhecimento, mas ele também está, ou eu pelo menos penso que ele deveria estar, interessado em uma concepção do conhecimento que seja, como diria Hume, humana, psicologicamente viável, e, por isso, ele precisa estar minimamente informado sobre o que as ciências cognitivas têm a dizer sobre as nossas capacidades cognitivas.

Então posso afirmar que essa segunda graduação ajudou sim o meu trabalho como pesquisador. Na filosofia da mente, por exemplo, discutimos se máquinas digitais, as chamadas máquinas de Turing, podem pensar. Ter mais próximo o que é a teoria da computação ajuda a refletir sobre essa questão. Obviamente não é necessário ter uma segunda graduação para obter os conhecimentos que afirmo, em alguns casos, auxiliar a reflexão filosófica; mas ajuda e como tive a oportunidade, não a desperdicei.

3. Em 2020, o senhor escreveu um artigo sobre as diferentes medidas adotadas em nome da Ciência e como isso pode ser problemático, “As humanidades e o uso adequado das ciências”, que foi publicado na editoria de cultura do jornal O Estado de S. Paulo. Em vista disso, pergunto: Como se dá hoje o diálogo entre a filosofia e as ciências humanas com as demais áreas científicas? E qual a importância da participação dos filósofos no debate público?

No artigo mencionado, eu conferi um papel central para as humanidades na questão sobre o uso adequado da ciência. Podemos fazer um uso melhor ou pior da ciência ou podemos simplesmente fingir que a usamos para nos esconder atrás da sua autoridade. Como melhorar o uso da ciência, como detectar se estamos fazendo um bom uso dela? Como deveriam ter sido organizados os comitês científicos para auxiliar as autoridades públicas no enfrentamento da pandemia de Covid-19? Fica claro que há aí questões difíceis que envolvem o entrelaçamento complexo entre valores, democracia e ciência. Não há como enfrentar seriamente essa discussão sem as humanidades.

Isso por si só, embora haja muitas outras razões paralelas, é suficiente para mostrar que a ideia de uma universidade sem as humanidades é uma aberração. Significaria deixar as demais disciplinas à deriva, sem nenhum farol para orientá-las sobre como elas podem contribuir para a melhoria das nossas vidas e da sociedade. Neste sentido, é fundamental que tenhamos subáreas nas humanidades, como a história da ciência, a antropologia e a sociologia da ciência e a filosofia da ciência, que estejam acompanhando como o conhecimento vem sendo apropriado e utilizado pela sociedade.

Acho importante a participação não só de filósofos e filósofas mas de cientistas de todas as áreas no debate público. A sociedade se beneficia quando os seus problemas são solucionados com o auxílio do conhecimento e da ciência, como já enfatizei. Mas é importante distinguir três contextos: debate público, uso do conhecimento científico em políticas públicas e divulgação científica. Acadêmicos participam do debate público como cidadãos. Cabe a cada cidadão decidir se vai participar do debate público ou não. O acadêmico quando um profissional não tem a obrigação de participar do debate público. Claro que, enquanto cidadão detentor de habilidades e conhecimentos valiosos, há pressão moral para que ele participe e qualifique o debate público. Espera-se que quem pode mais, contribua mais, e isso se aplica também à posse de conhecimento.

Contudo, é importante não perder de vista que essa pressão recai sobre o cidadão. No debate público, o deveria ser, ao menos em regimes democráticos. Outra coisa é a formação de políticas públicas. Neste caso, há regimentos específicos nas diferentes esferas administrativas sobre como se dará a participação do cientista ou do técnico no que diz respeito à dimensão técnica do problema a ser enfrentado, já que as políticas públicas encerram também um componente político. No que diz respeito à dimensão técnica, a voz do cientista tem ou deveria ter preponderância. A discussão sobre como devem ser esses regimentos, como podem ser melhorados, nos remete à questão inicial sobre o uso adequado da ciência.

Uma terceira coisa, embora relacionada, é a divulgação científica. A universidade pública é financiada pelo contribuinte e precisa prestar contas do que faz à sociedade. É desejável também que ela entenda o conhecimento que produz em formatos que possam ser utilizados por diferentes setores da sociedade, até por uma questão de sobrevivência. Assim, me parece razoável que a universidade pública também participe da divulgação científica. Agora, essa não é uma demanda que deva recair sobre os cientistas individualmente, mas sobre as disciplinas e as instituições. Quero dizer com isso o seguinte: é a comunidade de uma disciplina que deve articular como distribuir incentivos e recompensas para que haja estímulo para a divulgação científica. Essas atividades ainda são muito pouco reconhecidas e valorizadas, por exemplo, para fins de progressão na carreira.

Eu não estou sugerindo que elas sejam equiparadas à pesquisa e à publicação em periódicos especializados, longe disso. Sugiro apenas que elas sejam mais reconhecidas, que haja mais recompensas e não prejuízos (e.g. atraso na progressão, dificuldade de acesso a financiamento para pesquisa) para quem dedica parte do seu tempo a elas. A disciplina de como o todo se beneficia quando a ajuda das suas conquistas na sociedade ocorre de modo qualificado e eficiente. Por isso é bom que haja pesquisadores envolvidos nisso. Mas não acho que seja uma obrigação do cientista individualmente. Em relação a esta questão, a divisão social do trabalho é uma boa solução para acomodar as diferentes inclinações e aptidões dos pesquisadores e docentes.

4. Poderia explicar sobre o que se trata seu trabalho “Conhecimento como uma habilidade”? E o que o senhor conseguiu perceber com essa pesquisa?

Na epistemologia, é comum distinguirmos entre pelo menos três tipos de conhecimento: o conhecimento proposicional, o conhecimento por familiaridade e o conhecimento de como fazer algo, o saber-fazer. O conhecimento proposicional é o conhecimento que encontramos nos artigos científicos, nas enciclopédias e que articulamos e transmitimos por meio de frases. Esse tipo de conhecimento compreende as afirmações verdadeiras justificadas. Por exemplo, a afirmação de que não há ainda tratamento precoce para a Covid-19, é conhecimento. Ela é verdadeira e justificada, pois a comunidade científica ainda não encontrou com boa margem de segurança nenhum tratamento que se mostre eficaz contra a Covid-19.

O conhecimento por familiaridade é o conhecimento que se tem de algo por ter tido contato com ele. Os lugares que já visitei ou as pessoas que já conheci são exemplos de coisas que conheço por familiaridade. Nada impede que eu tenha também conhecimento proposicional acerca desses lugares e pessoas, que eu saiba que certas afirmações sobre esses lugares e pessoas sejam verdadeiras. Ainda assim, o conhecimento por familiaridade me oferece um tipo distinto de conhecimento. Mesmo que eu saiba várias coisas sobre a Lua a partir do que li em livros de ciência, eu não tenho o conhecimento por familiaridade da Lua como o astronauta Neil Armstrong pôde obter.

Por fim, o conhecimento de como fazer algo diz respeito à habilidade de fazer algo. É o tipo de conhecimento que alguém tem por saber como nadar, andar de bicicleta, dirigir, costurar roupas, construir uma casa, provar um teorema e escrever um bom romance. Observe que o saber-fazer abrange tanto habilidades manuais quanto habilidades intelectuais. O que elas têm em comum é que são gradativas, podem ser melhoradas pela prática, não são transmitidas por meio de frases, e os seus portadores são capazes de realizar uma determinada tarefa de modo confiável. Eu posso, até tentar construir uma parede, mas não sei como fazê-lo. Provavelmente ela ficará muito torta e não estará segura. Um pedreiro experiente sabe como fazê-lo, a maioria das paredes que ele construir serão lisas e seguras, e ele sabe até avaliar se outros estão construindo bem ou não uma parede.

Os epistemólogos estão interessados em saber mais sobre a natureza desses tipos de conhecimento e que relações há entre eles. Será que um pode ser reduzido ao outro? Haverá relações de dependência entre eles? Um tipo de conhecimento é mais fundamental que o outro? Uma posição muito difundida é a que privilegia o conhecimento proposicional e sustenta que o saber-fazer pode ser reduzido ou explicado a partir do primeiro. Essa posição é chamada de “intelectualista”. Ela privilegia o conhecimento que pode ser articulado linguisticamente.

Na minha pesquisa, eu vou na direção oposta, dou mais atenção ao saber-fazer e procuro esclarecer a natureza da habilidade que parece estar envolvida nele. O comércio com uma subdisciplina específica da psicologia, a psicologia ecológica, é importante na minha pesquisa para mostrar como as habilidades devem sempre ser pensadas em relação a um contexto ou ambiente. Eu sei, por exemplo, como dirigir um carro em estradas de chão ou no asfalto, mas a minha perícia deve ser de um principiante em uma estrada coberta por neve. Além disso, eu sustento que o saber-fazer tem uma certa prioridade sobre o conhecimento proposicional. Se você não sabe como usar um conhecimento proposicional para oferecer explicações, resolver problemas ou dar justificativas, então ainda que você possa saber que uma certa afirmação é verdadeira, você ainda tem uma compreensão muito limitada dela.

O conhecimento proposicional precisa ser amparado pelo saber-fazer para que ele ofereça compreensão e se conecte com as nossas atividades e tarefas cotidianas. Isso tem uma consequência importante para como pensamos o ensino, inclusive de disciplinas científicas. O foco é a aquisição e treino de habilidades, o aprendiz de física tem de aprender a como fazer física, e ao aprender uma teoria física particular, como a da relatividade ou a quântica, o foco não é saber quais afirmações compõem essa teoria, embora isso faça parte, mas como empregá-la para explicar e prever fenômenos e entender e talvez até construir instrumentos de medida e realizar intervenções bem-sucedidas no mundo. Ou seja, até teorias precisam ser corporificadas por meio de habilidades para que elas expressem entendimento.

Embora o que eu esteja dizendo soe e até seja trivial, não é incomum que não se perceba as consequências dessa mudança de foco. Lembre que o saber-fazer é uma habilidade e que ele não é transmitido por meio de frases. O saber-fazer depende de treino, muito treino. Você não vai ensinar alguém a como usar uma teoria apenas explicando quais afirmações compõem essa teoria, do mesmo jeito que eu não vou aprender a construir uma parede bem apenas lendo em um manual algumas instruções e dicas sobre como fazê-lo. Sem colocar a mão na massa um punhado de vezes e receber orientação de quem já sabe como fazer isso bem, eu não vou adquirir a habilidade de construir uma parede.

Outra consequência dessa mudança de foco é que ela nos permite fazer justiça aos saberes tradicionais. Na etnobiologia há esta discussão sobre a relação entre os saberes tradicionais e o conhecimento científico. Alguns tentam fazer justiça aos saberes tradicionais introduzindo alguma forma de relativismo. Outros, receosos das consequências do relativismo, preferem afirmar a superioridade do conhecimento científico sem qualificações. A discussão toda me parece mal orientada. A tensão surge se pensamos esses conhecimentos em termos de conhecimento proposicional. Mas se vemos os saberes tradicionais e o próprio conhecimento científico como primordialmente formas de saber-fazer, e cada uma dessas habilidades envolvendo um contexto ou ambiente próprio de aplicação, então a tensão é muito mais tênue do que pode parecer à primeira vista. Isso não é relativismo, embora eu não tenha espaço aqui para explicar por quê. Nem significa diminuir a autoridade da ciência. Eu creio que temos boas razões para pensar que a ciência tem um grau de precisão e de confiabilidade destacados, e que ela é organizada e estruturada para almejar continuamente a autocorreção, mas, na base, a ciência e os saberes tradicionais são feitos do mesmo estofo, as habilidades.

5. Como pergunta final, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os desafios atuais da área e deixasse uma mensagem ou orientação para os jovens filósofos.

A comunidade brasileira de filosofia cresceu muito nas últimas décadas em volume e qualidade, ela se profissionalizou. Temos excelentes cursos de graduação e pós-graduação em todas as regiões do país. Fazemos filosofia de alto nível e muitos membros da nossa comunidade participam de debates internacionais e publicam as melhores revistas de filosofia do mundo. No entanto, ainda temos o desafio de criar uma genuína comunidade filosófica. Eu espero que a próxima geração faça o que a minha geração e as que me antecederam só muito timidamente conseguiram fazer: discutir e citar as obras e os textos uns dos outros. Não temos ainda uma tradição de discussão entre nós.

Há outros desafios de natureza mais prática no curto prazo, como o apagão do financiamento à pesquisa, que afeta de modo ainda mais duro as humanidades, e os ataques ideológicos às humanidades, como se elas não tivessem um lugar essencial na produção do conhecimento e no florescimento social. Precisaremos todos juntos fazer um grande esforço para que a sociedade entenda e reconheça a nossa importância. Por fim, a nossa comunidade precisa reformar urgentemente as suas práticas para torná-la um ambiente mais justo e receptivo às mulheres e a todos os grupos sociais que historicamente não tiveram voz na filosofia.

Aos jovens filósofos e filósofas eu recomendo desde cedo o cultivo da virtude intelectual da mente aberta. Pode parecer trivial recomendar isso aos futuros filósofos e filósofas, já que estão mergulhados desde o início do curso na reflexão filosófica, mas o fato é que a filosofia, como nos alertas Hume, “parece sujeita ao inconveniente de que, pelo seu manejo imprudente, pode servir apenas para fortalecer uma inclinação que já predomina e arrastar a mente de forma ainda mais decidida para o lado que já atrai em demasia, em função das tendências e inclinações de nosso temperamento natural”. Mal cultivada, a reflexão filosófica pode acentuar o dogmatismo e tornar os nossos preconceitos ainda mais arraigados.

Ademais, a atenção reflexiva não é suficiente para a mente aberta. Temos de nos expor constante e reiteradamente à crítica. Não é fácil fazê-lo, já que ficamos expostos. Por isso mesmo, precisamos fazer dessa exposição um hábito. Não se trata apenas de detectar e ficar alerta em relação aos próprios vieses. A mente aberta é também uma virtude social, ela demanda abertura para o outro, escuta atenta e genuína. Quem tem mente aberta procura aprender com o outro, mesmo que ele ou ela tenha concepções bem diferentes da tua. Não subestime as palavras de Hume, o caminho para adquirir a virtude da mente aberta é longo e árduo, temos tendências naturais muito fortes que nos puxam para a direção oposta, e só a boa vontade não será suficiente. Uma sugestão prática: aproveitem a diversidade que os cursos oferecem. Procurem ter aula com todos os professores e professoras dos seus cursos. Estejam abertos às diferentes abordagens. Procurem entender antes de criticar. Aprendam e assimilem o que cada um dos professores e professoras tem de melhor a oferecer. A graduação ainda não é o momento para se fechar na concha da ultra especialização. Explore.

Outra sugestão é que não se deixem enfiar pelo mito do filósofo misantropo e isolado da sociedade. O conhecimento é uma diálogo social. Filosofia se faz discutindo com os outros, aprendendo juntos. Trivialmente, os diálogos socráticos não são monólogos. Claro que cada um precisa cultivar os seus projetos, as suas habilidades e virtudes intelectuais, mas essa jornada pode ser menos solitária e muito mais solidária se percorrida em conjunto. Uma sugestão prática: formem grupos de discussão, estudem juntos, discutam as suas ideias uns com os outros, se ajudem.

Por fim, minha última orientação: escrevam, estudem escrevendo, leiam escrevendo e pense em escrevendo. A escrita é uma extensão poderosa do pensamento. Cultive a escrita e aprendendo a controlar o pensamento para alcançar níveis cada vez mais elevados de precisão e clareza.

3 comentários

Classificar por [Mais antigos](#)



Adicione um comentário...



Cláudio Reis
Olá Eros Reis. Um grande abraço ao prof. Eros!

Curtir · Responder · 4 sem



José Duarte Neto
Adorei a entrevista. Faça mais dessas, professor, e faça também entrevistas em formato de áudio, mais amigável ao público geral. Grande abraço!

Curtir · Responder · 3 sem



Ana Corcovado
Muito boa a entrevista, professor. Obrigada!

Curtir · Responder · 2 sem

Plugin de comentários do Facebook

CATEGORIAS

Mestrado Profissional em Segurança
Pública
Nupergs
Coronacrise
NAU - IFCH
NAU - IFCH
IFCH
Políticas Públicas
Prof-História
Comgrad
Sociologia
Antropologia
Ciência Política
Filosofia
História

ARQUIVOS

Julho de 2021
Junho de 2021
Maio de 2021
Abril de 2021
Marco de 2021
Fevereiro de 2021
Janeiro de 2021
Dezembro de 2020
Novembro de 2020
Outubro de 2020
Setembro de 2020
Agosto de 2020